

FORMAÇÃO HUMANA: O PENSAMENTO NARRATIVO E O PENSAMENTO CIENTÍFICO INTEGRADOS

Aparecida Barbosa*

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN

Universidade do Rio de Janeiro – PROPED/UERJ

aparecidabarbosa@uern.br

RESUMO

Este artigo procura caracterizar a formação humana, a partir de como o homem formula seus pensamentos e, com esses, age no mundo, ou seja, em quais circunstâncias são mobilizados. Não nos cabe esgotar tal assunto, e sim discuti-lo e apresentar um modelo de como esse processo possivelmente ocorre. Para tanto, trazemos os estudos acerca dos modos de pensamento estudados pelo psicólogo Jerome Bruner na década de 80: o pensamento narrativo e o pensamento científico. Esses dois modos de pensamento também são estudados por Luiz Antonio Gomes Senna, desde o final da década de 90 até os dias de hoje. Ambos os estudiosos defendem que esses dois tipos de pensamento atuam de forma independente, porém, estão inter-relacionados. Entendemos por pensamento narrativo a narrativa criada pelo homem, baseada em sua memória e na sua interação com os demais, e pensamento científico como as proposições derivadas da história narrada. O ser humano em contato com a sociedade, cultura e sua própria vivência cria suas narrativas que espelham narrativas coletivas e delas depreendem uma série de proposições.

PALAVRAS-CHAVE: Pensamento narrativo. Pensamento científico. Formação humana.

* Graduada em Letras pela Universidade Federal de Pernambuco (1992) e em Comunicação pela Escola Superior de Relações Públicas (1987). Atualmente é professora da UERN e doutoranda da UERJ/PROPED.

Introdução

O homem é dotado de linguagem e pensamento, age no mundo e cria seu(s) mundo(s) interno(s), suas realidades mentais. A interação homem/ mundo, ou melhor, mundo externo/ mundo interno, acontece dialeticamente e de forma dinâmica. Partindo do pressuposto que o homem pensa e, portanto, interage ao seu redor, será analisada uma provável estratégia usada por ele para criar esta relação: pensamento narrativo e científico. Antes de entrar no debate em si dos conceitos, é bom esclarecer o escopo. Ao se falar em mundo interno, entenda mundo mental como o que é formulado na mente humana, e mundo externo tudo que os sentidos possam perceber, tudo que seja extracorpóreo. Contudo, consideramos imprescindível caracterizar pensamento, haja vista ser um conceito muito complexo e, hoje, não temos uma resposta conclusiva, mas muitas especulações a respeito. Das várias definições feitas, duas são bem claras. Para Jung:

[...] o pensamento é uma função psicológica racional que estabelece relações de ordem comportamental entre conteúdos representativos, através da utilização de categorias de verdadeiro ou falso, ou como certo ou errado (JUNG, 1947, p. 542).

Outra definição que pode ser complementar a essa é a de Jolivet: “[...] pensamento é a capacidade que tem o ser humano de conhecer em que consistem as coisas e as relações que elas têm entre si” (JOLIVET, Régis. Curso de Filosofia. Edição Brasileira. Editora Agir. Rio de Janeiro, 1972, p. 43.). Tomando por base esses dois conceitos, temos um terceiro que norteia nosso trabalho: pensar é relacionar dados, organizá-los em categorias e inferir deles regras.

Sabe-se que o pensamento é realizado por palavras, sons, imagens visuais etc. Tomando-se por base os estudos da fala humana realizados por Vygotsky e Luria, esses pesquisadores mostram como a fala serve para resolver problemas e como ela é externalização de uma fala interna. Eles fizeram experiências e observaram que a criança, ao se esforçar para resolver os problemas, fala. Essa fala concomitante com a ação ocorre espontaneamente, quase sem interrupção até o final da atividade proposta. Ela se torna mais persistente à medida que as dificuldades aumentam. Assim, os estudiosos argumentam que é necessário e natural à criança falar enquanto resolve um problema, não apenas para contar o que está fazendo, mas, principalmente, porque está externando seu pensamento (sua fala interna).

Dessa forma, a fala consiste numa ponte entre o mundo interno e o mundo externo da criança, e, através da fala, ela organiza, cria representações do mundo e consegue manipular diversos conceitos, expressando-os por meio da fala. Sendo assim, a definição de pensamento utilizada neste artigo é a seguinte: texto mental que relaciona signos e os organiza para depois inferir uma série de regras. Esse conceito traz algumas consequências, uma vez que a base do pensamento é a palavra. Assim, trazemos contribuições da linguística para entendermos seu funcionamento. De acordo com Bakhtin:

[...] palavra é o fenômeno ideológico por excelência. A realidade toda da palavra é absorvida por sua função de signo. A palavra não comporta nada que não esteja ligado a essa função, nada que não tenha sido gerado por ela. A palavra é o modo mais puro e sensível da relação social (BAKHTIN, 2002, p. 36).

Se a palavra é base do pensamento linguístico, podemos afirmar que o pensamento constrói discursos e reflete discursos construídos, tal qual um texto impresso. A linguagem é mediadora entre o homem e o mundo. Através dela, o ser humano se comunica e interage com sua sociedade, ou seja, ela é a base necessária para o pensamento humano, a base que liga os membros de uma mesma comunidade linguística. Brandão afirma que a linguagem não é neutra, ela é um suporte para representações ideológicas e gera conhecimento, que é o produto do pensamento. Para Schaff (1978):

[...] a linguagem constitui, de algum modo, uma prática condensada que, aproveitando essa via como a mais sugestiva e a mais fácil, penetra no nosso conhecimento atual (SCHAFF, 1978, p.3).

Assim, o homem para conhecer sua realidade usa a linguagem. Entretanto, como a linguagem é resultado de uma prática social, em que a ideologia se faz presente, o pensamento humano não é único, singular, ele é resultado do contato com o outro. Daí resulta um conceito fundamental: a subjetividade.

Ao falarmos em sujeito, devemos nos esquecer do conceito romântico de subjetividade em que há um único “eu”. A análise do discurso nos demonstra que isso é uma utopia, porque o “eu” surge exatamente da relação com o outro, e isso se dá dentro de um contexto social e de uma forma dinâmica. Orlandi (1999) aponta que:

A noção de discurso não comporta a ideia de linearidade presente nos esquemas primeiros da comunicação (emissor, receptor, código, referente e mensagem). Na realidade, a língua não é só um código entre outros, não há essa separação entre emissor e receptor, nem tampouco eles atuam numa

sequência em que primeiro um fala e depois o outro decodifica etc. Eles estão realizando ao mesmo tempo o processo de significação e não estão separados de forma estanque (ORLANDI, 1999, p.21).

Iniciamos este artigo afirmando que a relação mundo interno/mundo externo é dinâmica e inseparável. Para simplificar, o mundo interno seria sinônimo de mental, e o externo, extracorpóreo. O pensamento pertenceria ao mundo interno, e a sociedade e cultura, ao externo. Se entendermos o pensamento como um texto e, portanto, um discurso, o que foi estudado até agora na Análise do Discurso pode servir de referência para estudarmos o pensamento e, conseqüentemente, a formação humana. Bruner (2002) defende que o “eu”, na verdade, está impregnado pelo outro e, como aquele, surge da relação, da interação social, e que nossos pontos de vistas nunca são constituídos apenas de nós mesmos, mas a partir dos pontos de vistas de outros seres humanos que estão à nossa volta. Portanto, eu não existo sozinho e, conseqüentemente, não me constituo sozinho. Podemos concluir, ainda que circunstancialmente, que somos formados e formamos através dos nossos pensamentos e linguagem, que não deixa de ser os nossos pensamentos, externados, falados.

Para Bruner, há dois tipos de pensamento, o narrativo e o científico, os quais Senna chama de narrativo e cartesiano. Os dois, para ambos os autores, são complementares, porém não estão relacionados. Este artigo defende que esses dois tipos estão relacionados, são dois tipos de discursos, e um pode alimentar o outro.

Pensamento narrativo e científico segundo Bruner

Jerome Bruner, psicólogo da Universidade de Nova York, não chega a uma definição clara do que seja o pensamento. Entretanto, ele explica, por uma série de exemplos, que há dois tipos de pensamento: o narrativo e o científico. No capítulo do livro “Realidade mental: mundos possíveis – ‘Dois Modos de Pensamento’”, Bruner aponta as distinções entre o modo de pensar narrativo e o científico. O autor defende a tese de que esses dois modos de funcionamento cognitivo constroem realidades, ordenando a experiência cada um da sua forma. Apesar disso, ambos os discursos seriam complementares entre si, sem que um se reduza ao outro. O pensamento científico, que Bruner chama de paradigmático, se associa ao discurso teórico e ao logos, ou seja, são utilizados argumentos para estabelecer "o ideal de um sistema formal e matemático de descrição e explicação". Para isso, um cientista ou filósofo procura criar categorias ou conceitos, relacionando-os uns com os outros até formar um sistema geral baseado em hipóteses fundamentadas, isto é, que podem ser demonstradas como verdadeiras. Por sua vez, a narrativa, mítica ou literária, aborda a maneira pela qual as

intenções humanas se comportam nas mais diversas situações. Nesse sentido, as histórias que são criadas traçam relatos de ações humanas em circunstâncias de experiências localizadas num tempo e espaço definidos, enquanto o discurso teórico tenta ir além dos fatos particulares, visando formulações de princípios gerais e abstratos:

As realidades narrativizadas, eu suspeito, são demasiadamente onipresentes, sua construção é demasiadamente habitual ou automática para ser acessível à fácil inspeção. Vivemos em um mar de histórias, e como os peixes que (de acordo com o provérbio) são os últimos a enxergar a água, temos nossas próprias dificuldades em compreender o que significa nadar em histórias. Não que não tenhamos competência em criar nossos relatos narrativos da realidade longe disso -, somos, isso sim, demasiadamente versados. Nosso problema, ao contrário, é atingir uma consciência do que fazemos facilmente de forma tão automática, o antigo problema da prise de conscience (BRUNER, 2001, p.140).

Segundo Bruner (2002), esses dois tipos de pensamentos funcionam de forma diferente no ordenamento da experiência pessoal do indivíduo e na construção da realidade. Para ele, os dois são complementares, porém irreduzíveis. Este artigo aborda a relação existente entre o pensamento narrativo e o científico e como o primeiro pode desencadear o segundo e, conseqüentemente, permitir a formação do sujeito social real, não o idealizado pela instituição escolar, contribuindo, efetivamente, para uma autoformação; defende-se a coexistência desses dois mundos: o narrativo e o científico. Abaixo, o resumo das principais características de cada um, segundo Bruner:

Cada uma das maneiras de conhecimento tem princípios operativos próprios e seus próprios critérios de boa formação. [...] ambos podem ser usados como meio de convencer o outro. Não obstante, do que eles convencem é fundamentalmente diferente: os argumentos convencem alguém de sua veracidade, as histórias de sua semelhança com a vida. O primeiro comprova através de um possível apelo a procedimentos para estabelecer provas formais e empíricas. O outro estabelece não a verdade, mas a verossimilhança (BRUNER, 2001, p. 140).

Resumindo, o pensamento científico relaciona-se com:

- a) Busca pela verdade universal;
- b) Convencimento do interlocutor fornecendo provas empíricas;
- c) Causalidade (se x, então y);
- d) Formação de proposições;

e) Preenchimento de um ideal de um sistema formal e matemático de descrição e explicação, empregando a categorização ou a conceituação;

f) Consistência;

Já o pensamento narrativo estaria na outra ponta, com as seguintes características:

a) Busca a verossimilhança;

Podemos dizer que Bruner entende verossimilhança tal qual Aristóteles:

[...] é evidente que não compete ao poeta narrar exatamente o que aconteceu; mas sim o que poderia ter acontecido, o possível, segundo a verossimilhança ou a necessidade (BRUNER, 2001, p.43).

b) Apresenta condições prováveis entre dois eventos;

c) Transgride a consistência podendo ser contraditório;

d) Busca a abstração, transcende o particular;

e) Existência de gatilho para mudança de um plano para o outro.

Bruner, ao discorrer sobre a importância que a narrativa adquiriu numa sociedade regida cada vez mais pela forma de se contar um acontecimento do que pelo acontecimento em si, afirma:

Na última metade de nosso século (XX), o drama tornou-se epistemológico, preso não apenas “por aquilo que acontece”, mas pelo enigma de como, em um mundo turbulento, passamos a conhecer ou a construir nossas realidades (ARISTÓTELES, 2005, p. 43).

Bruner (2001) enfatiza que a narrativa é um dos meios pelos quais é possível desenvolver o pensamento metacognitivo¹. Para ele, é por meio das histórias que o indivíduo se conhece e conhece o outro; sendo assim, as escolas deveriam adotar a narrativa como ferramenta para o ensino das mais diversas disciplinas. Ele mesmo descreve como seu

¹ No artigo de Célia Ribeiro, há uma análise do que significa a palavra metacognição. Para a autora, não há um consenso entre os estudiosos; de maneira geral, ela resume: “a metacognição diz respeito, entre outras coisas, ao conhecimento do próprio conhecimento, à avaliação, à regulação e à organização dos próprios processos cognitivos. De acordo com Weinert (1987), as metacognições podem ser consideradas cognições de segunda ordem: pensamentos sobre pensamentos, conhecimentos sobre conhecimentos, reflexões sobre ações”. Não cabe entrarmos nessa discussão, entendemos metacognição como o ato de pensar sobre o próprio pensamento.

interesse pela ciência fora despertado por um professor de seu colégio, ao narrar experiências científicas ao invés de usar somente fórmulas. Portanto, a narrativa adquire um papel fundamental na constituição do indivíduo e do ser social. Porém, o papel da narrativa como estruturadora da forma de pensar não se deve apenas ao fato de que contamos e/ou ouvimos histórias, mas ao fato de que nos constituímos seres pensantes devido ao desenvolvimento da fala interior, que, por sua vez, é decorrente da fala exterior. A perspectiva sócio-histórica da teoria de Vygotsky, no que diz respeito à atividade cognitiva, contempla a visão de que o comportamento humano só pode ser entendido quando se observam os fatores históricos e sociais que o geraram. Bruner, concordando com Vygotsky, argumenta:

A implicação mais geral é a de que a cultura se encontra em um constante processo de ser recriada à medida que é interpretada e renegociada por seus membros. Neste ponto de vista, a cultura é tanto um fórum para negociação e renegociação de significado e para explicação da ação quanto um conjunto de regras ou especificações para a ação. De fato, toda cultura mantém instituições especializadas ou ocasiões para intensificação dessa característica “semelhante a um foro”. Narração de histórias, teatro, ciência e mesmo jurisprudência são técnicas para a intensificação desta função – maneiras de explorar mundos possíveis a partir do contexto de necessidade imediata (VIGOTSKY, 1989, p.44).

Este artigo concorda com Bruner em sua maioria, porém, acredita que não só a narrativa possui papel importante para a interação social e formação humana; defendemos e acreditamos que o pensamento científico coexiste ou precisa coexistir com o narrativo para exercer o papel da formação humana. Por esse motivo, recorreremos a Senna (2002), que nos dá um quadro sinóptico dos modos de pensamento:

Modo Narrativo	Modo Científico
Centrado na realidade presente e imediata de mundo.	Centrado na percepção de uma fração da realidade de mundo, de caráter abstrato e simbólico.
Despreza o futuro e dedica pouca atenção à análise do passado.	Privilegia a análise do passado, como forma de preparar um futuro melhor.
Opera sob um esquema de atenção multidirecional, projetando-se, ao mesmo tempo, sobre diversos focos de atenção.	Opera sob um esquema de atenção concentrada em apenas um foco, desprezando o seu contexto.

Demanda um esquema psicomotor em constante ação diante do mundo, resultando no privilégio ao movimento e à agitação.	Demanda um esquema psicomotor em repouso diante do foco de atenção, resultando no privilégio ao estático, à calma, ao silêncio.
Privilegia esquemas de ação que se organizam à medida que agem sobre o mundo.	Privilegia esquemas de ação que somente se põem em ação sobre o mundo após planejamento prévio.
Privilegia acordos orais, negociados caso a caso, conforme as relações que se estabelecem a cada contrato.	Privilegia acordos escritos, normatizados e formalizados, não necessariamente controlados por acordos interpessoais.
Centraliza a experiência intelectual no sujeito, caracterizando-a como fenômeno profundamente marcado sócio-afetivamente.	Centraliza a experiência intelectual no objeto/foco da atenção, caracterizando-a como fenômeno isolado de questões afetivas pessoais.

O autor evidencia o trânsito desses dois modos de pensamento, em circunstâncias distintas, mas que esse movimento ou essa formação humana necessita urgente da legitimação da instituição escolar. Antes, porém, precisa ser (re)conhecida pelos professores, que, por sua vez, necessitam tomar conhecimento dessa nova agenda (ou não tão nova assim) de formação humana.

Pensamento paradigmático derivado do pensamento narrativo: seu papel sócio-cultural

Usaremos pensamento narrativo como texto mental que constrói sua realidade de acordo com o discurso narrativo, ou seja, este possui as características descritas por Bruner e Aristóteles. E pensamento científico, como o texto mental que constrói a realidade de acordo com o discurso científico, este com as características descritas por Bruner, e tendo como base de seu funcionamento as proposições. Como já foi dito, a relação mundo externo / mundo interno não é unívoca, não é uma relação direta que se faz termo a termo, isto é, não passa diretamente de um a outro. Não há uma sequência em que primeiro entra a informação, depois há a decodificação; esses processos são (quase) simultâneos, principalmente na mente dos jovens contemporâneos, onde a mente é multidirecionada, os dedos e as mãos conseguem ser tão rápidos quanto o pensamento.

Logo, a representação interna do mundo é um sistema aberto, não só recebe as informações externas, como as filtra e as devolve reconstruídas. Esse processo é norteado pelo pensamento, que organiza essas informações em discursos, principalmente de dois tipos: narrativo e científico. Podemos resumir o processo da seguinte forma: a memória guarda não só a vivência particular do indivíduo, mas também valores da sociedade na qual o sujeito se insere, e os gêneros do discurso.

Estes fatores constituem a estrutura do aparelho perceptivo do sujeito, a língua com a qual este pensa e que o dota de um aparelho conceitual determinando uma articulação e uma percepção determinadas da realidade, e os interesses de classe ou de grupo que decidem conjuntamente a escolha pelo indivíduo do seu sistema de valores, etc.

A estrutura do pensamento narrativo está de acordo com os gêneros do discurso internalizados, por isso a não dissociabilidade desses dois modos de pensamento, conforme Bruner:

[...] impossível distinguir de maneira bem definida o que é um modo narrativo de pensamento e o que é um “[...] texto” ou discurso narrativo. Cada um deles dá forma ao outro, do mesmo modo que o pensamento torna-se inextricável da linguagem que o expressa e que acaba moldando-o [...]. Já que nossa experiência no mundo natural tende a imitar as categorias de nossa ciência conhecida, nossa experiência dos assuntos humanos passa a assumir a forma das narrativas que utilizamos ao contá-los (BRUNER, 2001, p.129).

Bruner está de acordo com o estudo de Bakhtin, que afirma que o homem ao longo da vida domina vários gêneros e estes são usados nas diversas esferas de nossa vida social, como uma espécie de pré-condição para que nossa capacidade de comunicação verbal:

Esses gêneros do discurso nos são dados quase como nos é dada a língua materna que dominamos com facilidade antes mesmo que lhe estudemos a gramática. A língua materna – a composição de léxico e sua estrutura gramatical –, não a aprendemos nos dicionários e nas gramáticas, nós a adquirimos mediante enunciados concretos que ouvimos e reproduzimos durante a comunicação verbal viva que se efetua com os indivíduos que nos rodeiam (BAKHTIN, 1992, p.301).

O homem é um ser que interage com seu meio e nele forma-se, constitui-se. As informações externas são captadas por seus sentidos e reorganizadas em sua mente. Essa realidade capturada não única, nem virgem, ela já traz consigo muitos valores, conceitos e pré-conceitos do indivíduo; afinal, o homem está inserido em uma teia sócio-cultural da qual ele não pode se ver desprendido. Essas redes de conceitos e valores são geradas, armazenadas

na memória e desempenham papel no desenvolvimento e na formação humana. Para facilitar nossa análise, vamos buscar exemplos de como o homem relaciona o pensamento narrativo ao científico cotidianamente.

O homem vive o cotidiano e age sobre ele. Heller (1972) afirma que essa ação é fragmentada, já que o ser humano não dá conta da totalidade de acontecimentos ao seu redor; há um recorte do que lhe é apresentado. O próprio cotidiano, em sua temporalidade rotineira, impõe aos homens a necessidade de reações imediatas. Essas reações rápidas acabam gerando ultrageneralizações, que funcionam como um recurso operacional-prático. A formação de juízos provisórios é necessária para atender às demandas da vida social cotidiana, mas podem cristalizar-se em preconceitos, ultrageneralizações negativas, podendo resultar desse processo a alienação dos sujeitos. As características do comportamento cotidiano, sejam a espontaneidade, pragmatismo, economia, julgamentos provisórios baseados em precedentes, analogias, imitações, são os elementos, segundo Heller(1972), que tornam a vida cotidiana a esfera da realidade. Pode-se afirmar que temos os estereótipos e, em seu extremo, o preconceito. Para Kosik (1989):

A vida cotidiana é antes de tudo organização, dia-a-dia, da vida individual dos homens; a repetição de suas ações vitais é fixada na repetição de cada dia, na distribuição do tempo em cada dia (KOSIK, 1989, p. 9).

Ou seja, as nossas ações, os nossos conceitos empregados são circunstanciais, assim como os nossos discursos, pois revelam-se num determinado contexto, atendendo a demanda de certas situações. O estereótipo pode nos servir como ferramenta de análise. Tomando o cotidiano como descrito acima, imaginemos a seguinte situação: um novo vizinho se muda para seu prédio. Você observa que ele tem tatuagens e carrega uma guitarra. Automaticamente, seu cérebro aciona sua memória, que busca situações parecidas em que haja uma pessoa com tais características. Histórias internas são acionadas, histórias pertencentes a diversos gêneros. Você pode relacionar a sua adolescência e criar uma história saudosista, ou associar o rock a uma história cheia de referências às drogas e delinquência. O resultado desse pensamento narrativo é uma proposição, ou seja, um pensamento paradigmático:

- Se for uma história saudosista, provavelmente criará um estereótipo positivo, proposição, o rapaz deve ser gente boa.

- Se for uma história com referências negativas, provavelmente criará um estereótipo negativo, a proposição, esse cara é um viciado.

“Gente Boa” e “esse cara é um viciado” são proposições, conclusões de nossas narrativas internas que pode fazer-nos tomar uma atitude, no caso, afastar-se ou não do vizinho. Essa vivência alimentará memória, que será acessada em caso parecido. Outro exemplo é a imagem do Brasil no exterior. Garcia (2001), em sua tese de doutorado “O IT Verde e Amarelo de Carmen Miranda (1930-1946)”, analisa a trajetória de Carmen do começo de sua carreira até o estrelato em Hollywood. O que nos interessa aqui é percebermos que a cantora passou a representar, no imaginário americano, uma referência da cultura brasileira, e os intelectuais da época aprovaram essa imagem porque era uma forma de nos diferenciarmos da cultura norte-americana. Mas não é bem assim; Carmen fez todo esse sucesso por representar o exótico Brasil, país das bananas, e possuir todo o glamour das atrizes americanas.

Carmen Miranda, trajada com a indumentária estilizada da baiana, correspondia à imagem exótica que os yankees tinham do povo latino-americano, ao mesmo tempo em que se identificava à estética do entretenimento yankee. (GARCIA, 2001, p.100)

Assim, este exemplo nos mostra como o diálogo foi travado entre os americanos e os brasileiros: para os primeiros, Carmen representava o exótico com um tom de glamour, para os segundos, um diferencial entre as duas culturas. Imaginemos que o pensamento narrativo criado por um americano seja uma história de aventura em meio à floresta Amazônica e daí derive a proposição: “Brasil, um país exótico”. E para o brasileiro, uma cantora que representasse o país nos Estados Unidos é personagem de história de sucesso e glamour e disto deriva-se a proposição: “Carmem é uma estrela”.

Por certo, todos nós temos exemplos de conhecidos que viajaram para os Estados Unidos e, tão logo desembarcaram no aeroporto, passaram por entrevistas nada agradáveis, por termos fama de lá querermos nos fixar ou, no caso de mulheres sozinhas, terem o estereótipo de quererem “se dar bem” ou se prostituírem. O importante é enfatizarmos como o pensamento narrativo e suas proposições são um processo em constante reavaliação, ou seja, dinâmico. Além disso, esses pensamentos conjugados constroem a realidade refletindo a cultura e a sociedade. Sendo assim, é uma forma natural e espontânea de nos conhecer e conhecer outro.

Considerações finais

Este artigo parte da seguinte premissa: pensamento é um texto mental que relaciona signos e os organiza para depois inferir uma série de regras. Como um texto carrega em si as características de um texto impresso: é ideológico e polifônico. Cria diálogo com a sociedade, a cultura, refletindo-a e interagindo com ela. Possui essencialmente duas formas de expressão: a narrativa e a proposição. De acordo com Bruner e Senna, o pensamento narrativo não está relacionado ao pensamento científico; eles são duas instâncias opostas. Nós defendemos que não, de uma narrativa pode derivar uma proposição e esta guiar uma ação do sujeito. Um exemplo didático para tanto é a construção de estereótipos. Basta fazermos um exercício mental para percebemos como estes pensamentos estão relacionados e como sua articulação pode servir de base para criarmos a representação da cultura, da sociedade e, claro, de nós mesmos; ou seja, a nossa autoformação, que urge novas formas de ser, pensar e agir.

REFERÊNCIAS

- Aristóteles. (2005). **Arte poética**. São Paulo: Martin Claret.
- Bakhtin, M. (1992). **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes.
- Bakhtin, M. (2002). **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: HUCITE/ANNABLUME.
- Brandão, H. (s.d.). **Introdução à Análise do Discurso**. Campinas.
- Bruner, J. (1998). **Atos de significação**. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Bruner, J. (2001). **A interpretação narrativa da realidade**. Porto Alegre: Artmed.
- Bruner, J. (2002). **Realidade mental, mundos possíveis** (2ª ed.). Porto Alegre: Arte Médica.
- Garcia, T. (2001). **Verde Amarelo de Carmen Miranda (1930-1946)**. São Paulo: Universidade de São Paulo.
- Heller, A. (1972). **O Cotidiano e a História**. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- Jung, C. G. (1947). **Tipos Psicológicos**. Buenos Aires: Sudamericana.
- Kosik. (1989). **Dialética do Concreto** (5ª ed.). Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- Luria, A. (1994). **Tool and Symbol in Child Development**. (Vygotsky, Ed.) Cambridge: Blackwell.
- Orlandi, E. P. (1999). **Análise de Discurso: princípios e procedimentos**. Campinas: Pontes.
- Ribeiro, C. (2003). **Metacognition: a support to the learning process**. (P. R. Crit., Editor) Acesso em 3 de Março de 2014, disponível em Scielo: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-22003000100011&lng=en&nrm=iso
- Schaff, A. (1978). **Relação cognitiva o processo do conhecimento a verdade**. São Paulo: Martins Fontes.
- Senna, L. A. (2003). **O Planejamento no Ensino Básico & o compromisso social da educação no Letramento**. São José dos Campos: Educação & Linguagem.

Shaff, A. (1978). **Relação cognitiva o processo do conhecimento a verdade.** (História e Verdade ed.). (M. P. Duarte, Trad.) São Paulo: Martins Fontes.

Vygotsky, L. S. (1989). **Pensamento e linguagem.** São Paulo: Martins Fontes.